

## 6 CONCLUSÃO

A construção do curso de Ciências do Estado sempre foi baseada na participação dos alunos e dos professores vinculados ao curso. O fato do estagiário docente poder caminhar entre esses dois lados mostram que esta diferenciação nada mais é do que formal. No bacharelado em Ciências do Estado o aluno pode ser professor e o professor pode ser aluno.

A presença constante dos estagiários docentes na graduação faz com que o curso se torne mais ainda inovador. Poucos bacharelados na universidade oferecem esta oportunidade de aprendizado intensa para o pós-graduando. Para alguns, esta torna-se a prova de fogo para decidir sobre sua carreira acadêmica, para outros, torna-se o marco para continuar na carreira docente.

Para a grande maioria dos estagiários docentes, o curso de Ciências do Estado veio para ficar. Suas propostas inovadoras de ensino e a liberdade que ele proporciona para que os docentes possam trabalhar com os alunos aspectos críticos que envolvem as Ciências do Estado é única e ao mesmo tempo, exemplar.

Obviamente que o curso precisa evoluir em certos pontos, mas tendo como construtores do curso alunos, professores e estagiários docentes, temos mais chances de acertar, porque somos muitos os que estão trabalhando todo dia por este bacharelado. Conseguimos almejar muitos resultados que vão além da sala de aula e este é um dos grandes incentivos que nos fazem trabalhar ao máximo para a efetiva consolidação do curso de Ciências do Estado.

## “RESISTIR E CONSOLIDAR”: HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DO CENTRO ACADÊMICO DE CIÊNCIAS DO ESTADO (CACE)

## “RESISTIR Y CONSOLIDAR”: LA HISTÓRIA Y LA TRAJETÓRIA DEL CENTRO ACADÉMICO DE CIENCIAS DEL ESTADO (CACE)

João Lucas Ribeiro Moreira<sup>1</sup>

Lucas Parreira Álvares<sup>2</sup>

Thelma Yanagisawa Shimomura<sup>3</sup>

Vinicius Brener Brandão<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente artigo se propõe a fazer uma análise histórica da recente, porém intensa trajetória do Centro Acadêmico do curso de Ciências do Estado (CACE) da Universidade Federal de Minas Gerais. Desse modo, nos propomos a uma recuperação do processo de constituição do Centro Acadêmico, bem como uma análise sistemática das gestões que atuaram no CACE desde sua fundação até o ano de 2015, sendo elas: “SuperAção”, “Movimenta”, “Praxis”, “Construção Coletiva”, “COR”, além das perspectivas para a atual gestão do CACE, a “Ubuntu”. Desse modo, o artigo revela o estreito limiar existente entre a atuação estudantil organizada na consolidação e resistência do curso de Ciências do Estado da UFMG.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciências do Estado; Centro Acadêmico; Movimento Estudantil.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo hacer un análisis histórico de la trayectoria reciente,

1 Graduando em Ciências do Estado, autor do relato sobre a gestão COR.

2 Graduando em Ciências do Estado, autor do relato sobre as gestões Construção Coletiva e Ubuntu.

3 Graduada em Ciências do Estado, autora do relato sobre as gestões SuperAção e Movimenta.

4 Graduando em Ciências do Estado., autor do relato sobre a gestão Praxis.

pero intensa del Centro Académico del curso de Ciencias del Estado (CACE) de la Universidad Federal de Minas Gerais. Por lo tanto, proponemos una recuperación del proceso de constitución del Centro Académico, a partir de un análisis sistemático de gestiones, que lograron en el CACE desde su fundación hasta 2015, de la siguiente manera: "SuperAção", "Movimenta", "Praxis", "Construção Coletiva", "COR", además de las perspectivas de la gestión actual del CACE, la "Ubuntu". Así, el artículo revela el estrecho umbral existente entre la actuación de los estudiantes organizados en la consolidación y la fuerza del curso de Ciencias del Estado de la UFMG.

**PALABRAS CLAVE:** Ciencia del Estado; Centro Académico; Movimento Estudantil.

## 1 INTRODUÇÃO

O curso de Ciências do Estado iniciou suas atividades no ano de 2009 na Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG (FD&CE). Sua criação deu-se através do REUNI, Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, que busca ampliar o acesso e a permanência de estudantes no ensino superior brasileiro.

Inicialmente, as demandas estudantis dos graduandos de Ciências do Estado eram encaminhadas para o Centro Acadêmico Afonso Pena (CAAP). Mas o que é, e o que faz um Centro Acadêmico (C.A.)? Um C.A. é uma entidade estudantil que busca representar todas as demandas e anseios dos membros de determinado curso específico, mantendo um canal de diálogo aberto com os estudantes. O CAAP foi o primeiro C.A. de Belo Horizonte e se afirma como um dos principais Centros Acadêmicos do Brasil, tendo hoje mais de 100 anos de história que perpassa eventos importantes da história nacional, como a mobilização para a campanha "O petróleo é nosso", na era Vargas, e a oposição à ditadura militar no Brasil, tendo como símbolo o estudante de Direito, José Carlos Novais da Mata Machado, um dos dirigentes da organização Ação Popular Mar-

xista-Leninista, que foi assassinado pelos militares em outubro de 1973.

Mesmo com a tradição do CAAP, os estudantes de Ciências do Estado demandavam um Centro Acadêmico próprio, e em 2010 houve o primeiro chamamento para uma eleição, onde a chapa "SuperAção" cumpriu seu mandato durante o ano de 2011. Exerceu papel primordial na fundação do Centro Acadêmico de Ciências do Estado, sendo a primeira Diretoria Executiva do CACE. A gestão SuperAção levou à risca o nome da gestão e superou as vicissitudes em busca de um centro acadêmico forte e consolidado, que pautasse as demandas internas do curso.

Já no tardar do ano de 2011, houve uma nova eleição onde a chapa "Movimenta" se sagrou vencedora. Como não podia ser diferente, a Movimenta, embalada pelas mobilizações da Greve dos Professores do Estado, internalizou o espírito de luta destes junto à realidade dos estudantes de Ciências do Estado. Formulada num caráter mais horizontal com coordenação ao invés de presidência e seguindo o tripé "ensino, pesquisa e extensão", a gestão buscou a aproximação do Centro Acadêmico junto aos movimentos sociais. Este vínculo tem definido as bases de interesse do CACE como uma entidade que se interessa pelo povo e que se coloca para além dos muros da universidade, sem esquecer os alunos do curso.

A gestão enfrentou a possibilidade de fechamento do curso, passando por um intenso período de dúvidas e receios, mas conseguiu reverter as ameaças entoando os gritos de resistência na Faculdade. Foi então que o CACE, como grupo organizado de alunos, mostrou pela primeira vez sua cara e voz dentro e fora da FD&CE. As manifestações que ganharam o nome de "Resistir e Consolidar" foram organizadas em frente à sala da Diretora, no Território Livre José Carlos da Mata Machado, - espaço de convivência da FD&CE que leva o nome do seu mártir na luta contra a ditadura - em frente ao estacionamento da unidade, e até mesmo durante o "Congresso de Justiça de Transição – Por um Estado Democrático de Direito", renomado evento da Faculdade naquele ano que integrava as comemorações dos 120 anos da FD&CE. Ao fim de 2012, a comissão de avaliação do curso deu parecer favorável e após nova avaliação do Ministério da Educação (MEC), afastou-se a possibilidade de fechamento do curso.

No fim de 2012, iniciou-se a gestão "Praxis". Dentro de um contexto de ama-

durecimento do curso e reconhecimento de uma identidade própria. Explodia nas ruas manifestações por demandas sociais, fato que o CACE prontamente acolheu. A gestão "Praxis" se pautou pelo apoio as manifestações da sociedade civil organizada, principalmente de minorias.

Com as novas eleições ao fim de 2013, foi a vez da gestão "Construção Coletiva" guiar as atividades do Centro Acadêmico de Ciências do Estado. Se pautando pela democracia radical como metodologia de suas reuniões, a gestão teve no consenso um de seus fundamentos característicos de atuação. Além disso, a aproximação com os movimentos sociais da cidade foi intensa, muito devido ao contexto ainda presente de manifestações nacionais contra os "efeitos colaterais" da Copa do Mundo no Brasil.

Com o fim da gestão "Construção Coletiva", foi a vez da gestão "COR - Coragem, Organização e Representação", assumir o CACE. A gestão se pautou pela defesa das minorias sociais através da participação e organização de diversas atividades contra o machismo, a lesbofobia e a homofobia. Além da concretização de Ciências do Estado na FENEAP, Federação Nacional dos Estudantes dos Cursos do Campo de Públicas e a participação efetiva no EM PÚBLICO, Primeiro Encontro Mineiro dos Estudantes do Campo de Públicas. Soube se articular bem com os desafios em questão, como a evasão de estudantes motivadas pelo SISU - Sistema de Seleção Unificada.

Por fim, no decorrer da dissertação desse artigo, a chapa "Ubuntu" foi eleita para administrar o CACE no ano de 2016 com diversos desafios em seu horizonte e propostas bem delineadas para suprimir todas as eventuais dificuldades que os aguarda.

## 2. GESTÕES DO CENTRO ACADÊMICO DE CIÊNCIAS DO ESTADO (2010-2015)

No ano de 2010, alunos da primeira e segunda turma do curso (2009 e 2010, respectivamente) foram eleitos para formar a Comissão Estatutária Mista Provisória com o intuito de redigir o estatuto da entidade e possibilitar a fundação do Centro Acadêmico. Foram eles: André Rozenbaum, Cecília Reis Aquino, Gabriel Pinto de Souza e Guilherme

Ferreira (turma de 2009) e André Denardi (substituído pelo suplente André Marques), Arthur Castro, Pâmela Côrtes e Yan Wissmann (turma de 2010).

Iniciado o processo de fundação do CACE, foi escolhida uma diretoria provisória composta por Ana Carolina Ferreira, Dayane Nayara de Assis, Gabriel Pinto de Souza, Ettiene Matos, Natália Castro e Rodrigo Badaró da turma de 2009 e Janaina da Mata e Pâmela Côrtes da turma de 2010 que fizeram o registro do Estatuto do CACE que foi, então, formalmente fundado e teve sua primeira Diretoria Executiva eleita em novembro de 2010.

### 2.1 Gestão Superação

#### 2.1.1 Composição

Presidente: Rodrigo Badaró;

Vice-Presidente: Pâmela Côrtes;

Secretaria Geral: Cecília Reis; Arthur Castro;

Tesouraria: Natália Baudson; Marcela Gervásio Guerra;

Departamento de Relações Públicas: Suelen Alves; Gabriel Pinto de Souza;

Departamento de Educação e Cultura: Ettiene Matos Amaral Costa; Ana Carolina Ferreira;

Departamento Social: Leonardo Cariri; Joseane Santos;

Departamento de Esporte e Lazer: Alissa Cristina; Txai Costa.

### 2.1.1 O princípio de “tudo”

Na primeira eleição do CACE não houve disputa entre chapas. Havia duas turmas até então, a dos alunos que iniciaram o curso em 2009 (1ª turma) e 2010 (2ª turma). A Chapa SuperAção foi composta por alunos de ambas as turmas e foi legitimada nas urnas em outubro de 2010. O mandato desta chapa iniciou-se em novembro do mesmo ano. Sem lugar próprio para a instalação do CACE, a chapa SuperAção conseguiu uma sala no Território Livre, onde hoje funciona o Conselho de Representante de Turmas (CRT). O CRT era composto exclusivamente por alunos do Direito e em 2015 começou a contar com a colaboração dos alunos de Ciências do Estado.

Antes da ocupação desta sala, houve uma reforma feita nas férias pelos próprios alunos. Através de doações feitas pelos discentes, foi possível montar uma estrutura mínima de funcionamento do CACE, com sofá, computador, mesas, cadeiras, geladeira, entre outros utensílios. Como será abordado a seguir, a sede do CACE transferiu-se para o espaço atual em 2013, após a saída de uma agência do Banco do Brasil que ocupava esse mesmo local.

Segundo o Relatório Final Anual da Gestão SuperAção apresentado no final de 2011, uma das maiores conquistas da gestão foi o registro do CACE em 15/03/2011. Entre outras, podemos elencar: a aprovação do regimento interno pelo CRT; a participação de representantes discentes nos Departamentos, Colegiado e Congregação na FDCE e junto à UFMG, participação nos conselhos de Centros e Diretórios Acadêmicos; participação na Copa DCE. Também, a criação do logotipo do curso (foi feito um concurso e escolhido o projeto do então aluno Arthur Rodolpho de Paiva Castro), vaga no Conselho Editorial e espaço para publicação no jornal Voz Acadêmica (produzido pelo CAAP), criação do blog/site (<<http://caceufmg.org>> - atualmente o site do CACE funciona no endereço <<http://caceufmg.com.br/>>), e carteirinha de estudante que validava desconto no Restaurante Universitário da FD&CE.

Coube à gestão da SuperAção abrir os caminhos e estruturar a base da representação discente do curso de Ciências do Estado. Empreendeu importantes e funda-

mentais conquistas para o CACE, superando dificuldades inerentes a um curso com dois anos de existência e deixando a marca que será utilizada por outras gestões que é a participação em espaços políticos, a divulgação do curso e estímulo à integração dos alunos no ambiente acadêmico.

## 2.2 Gestão Movimentada

### 2.2.1 Composição

Coordenação: Txai Costa; Caio Clímaco;

Tesouraria: Primeira tesoureira – Julia Espeschit; Segundo tesoureiro – Samuel Lima;

Departamento Social: Eduarda Figueiredo; Natália Baudson;

Departamento de Esporte e Lazer: Paula Lage; Ana Márcia Freitas;

Departamento de Relações Públicas: Arthur Castro; Vander Lúcio;

Departamento de Educação e Cultura: Marina Silveira; Gabriel Pinto de Souza; Rafaela Lamas.

### 2.1.2 O ápice do “Resistir e Consolidar”

O processo eleitoral da segunda eleição para o Centro Acadêmico de Ciências do Estado não se deu de forma tranquila. Dentre a formação de duas chapas e duas propostas diferentes para o centro acadêmico, houve muita disputa, discussão e até processos irregulares de campanha, fatos que mobilizaram a maioria dos alunos do

curso em torno da eleição. De um lado a Chapa Movimenta, com integrantes da então gestão SuperAção e novos alunos recém ingressos, com uma proposta clara de fazer do CACE um instrumento na luta dos estudantes e que saísse da inércia. Do outro, a Chapa Novos Rumos, formada majoritariamente, para não dizer “puramente”, de calouros do curso, que tentavam se desprender das turmas, bem como dos processos anteriores à eles e elas.

A própria junta eleitoral cometeu erros durante a campanha, chegando ao ponto de parte de seus membros terem de ser substituídos por não garantirem mais a lisura do processo segundo os alunos em Assembleia Extraordinária. Com parte da junta substituída, deu-se continuidade no processo eleitoral e após ter caído em descrédito por condutas imorais, a Chapa Novos Rumos já não conseguia competir na campanha em pé de igualdade com a Chapa Movimenta, fato que se concretizou nas urnas, dando a vitória a Chapa Movimenta por 73 votos contra 38 da outra chapa.

O nome Movimenta não foi ao acaso, o objetivo da então gestão sempre foi dar uma maior dinamicidade ao Centro Acadêmico de Ciências do Estado, de forma a consolidá-lo dentro do Movimento Estudantil e levar o nome do curso para outras instâncias para além dos muros da UFMG. O modelo administrativo da gestão também foi diferenciado, tendo como base a autonomia departamental e uma maior atuação dos departamentos em relação a sua agenda de atividades e divulgação do curso.

Nas primeiras semanas de gestão, já houve grandes conquistas para o curso, como a efetiva participação na Congregação da Faculdade, além de representação em cada Câmara Departamental para o curso de Ciências do Estado, o que proporcionou uma maior influência do centro acadêmico nas instâncias de deliberação da unidade, possibilitando uma defesa mais estruturada do curso.

Pode-se dizer a que vida em Ciências do Estado é um eterno resistir e consolidar, porém com o passar do tempo, a luta dos estudantes avança cada vez mais na consolidação do curso. Contudo no ano de 2012, a já empossada gestão Movimenta se viu obrigada a administrar o momento mais difícil e complexo do curso desde sua criação. Tudo começou em uma reunião da UCRE (União dos Cursos do Reuni), entidade puxada pelo CACE no início da gestão Movimenta, em que surgiram as primeiras informações de um

possível fechamento do curso. O primeiro contato com essas informações possibilitou uma organização estratégica do CACE para a defesa do mesmo.

O fato era que os cursos criados dentro do Programa do REUNI estavam sendo reavaliados e era responsabilidade da Reitoria indicar os supostos cursos REUNI que deveriam ser extintos. A Reitoria delegou essa competência para a Diretoria da FDCE e esta então, instaurou uma Comissão de Avaliação do curso para formular um parecer sobre sua continuidade ou término. Nesse instante o CACE, em especial a gestão Movimenta, teve papel fundamental na organização dos alunos do curso que mostraram pela primeira vez sua cara e voz dentro e fora da FD&CE. O movimento de defesa do curso ganhou o nome de “Movimento Resistir e Consolidar”, e foi responsável por várias intervenções organizadas em frente à sala da Diretoria da unidade, no Território Livre José Carlos da Mata Machado, em frente ao estacionamento da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG, e até durante o “Congresso de Justiça de Transição – Por um Estado Democrático de Direito”. Este último estava integrado às comemorações dos 120 anos da Faculdade de Direito da UFMG. Tais intervenções foram um marco na luta por Ciências do Estado. A comunidade interna e externa à UFMG voltaram os olhos para o movimento, dando ainda mais força e apoio à resistência dos alunos. Por fim, a Comissão de Avaliação do curso deu parecer favorável à sua continuidade e, após a Avaliação do Ministério da Educação (MEC) que ocorreu no fim de 2012, afastou-se a possibilidade de fechamento do curso.

A importância que a gestão Movimenta teve nesse processo, certamente está marcada na história do curso pela organização dos alunos com tática e estratégia acertadas, o curso de Ciências do Estado permaneceu firme, buscando a cada ano se consolidar ainda mais como referência na UFMG e no Brasil.

## **2.3 Gestão Praxis**

### **2.3.1 Composição**

Coordenação: Caio Clímaco; Laís Lopes; Henrique César;

Primeira Secretária: Izadora Lincoln;

Primeiro Tesoureiro: Vinícius Brandão;

Departamento de Cultura e Lazer (DCL): Paula Lage; Mateus Melo; Izadora Ambrósio;

Departamento de Integração Social (DIS): Bruna Lima; Bruna Alves; Rebeca Brandão;

Departamento de Comunicação (DCOM): Brener Fidélis; Caroline Cunha Rodrigues; Gabriel Pinto de Souza;

Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão (DEPE): Julia Espeschit; Lorena Latini; Thelma Yanagisawa Shimomura.

### 2.3.2 Praxis: Teoria, Ação e Reflexão

Passado o conturbado ano de 2012, e com o findar da gestão Movimenta, ocorreu o processo de construção da Praxis, futura gestão do CACE no ano de 2013. Mais uma vez foi utilizada a formação das chapas às escondidas, sem que a maioria dos alunos soubesse de sua formação. Tal fato desagradou parte dos alunos de Ciências do Estado, inclusive alguns membros da própria chapa Praxis. Pela segunda vez o processo eleitoral do centro acadêmico teve chapa única, mas não por vontade de alguns alunos, que tentaram montar uma chapa de oposição à Praxis até o último instante de inscrição de chapas. Não ocorrendo à construção dessa segunda chapa, os alunos aproveitaram a sabatina organizada pela junta eleitoral para descarregar toda a insatisfação e críticas à única chapa do processo. A sabatina mais se assemelhava a um tiro ao alvo, onde quanto mais se acertasse, mais alguns alunos estavam satisfeitos. Sobrevivido à sabatina, a chapa Praxis continuou a campanha eleitoral e passou a lidar com outro movimento de alunos que pregavam o voto nulo ou branco no dia da eleição, baseados em um artigo do

estatuto do CACE em que “se houvessem mais votos nulos e brancos do que na chapa a eleição deveria ser cancelada e um novo processo eleitoral aberto”, estratégia que possibilitaria a construção de outra chapa de oposição. Porém o que sucedeu nas eleições foi a vitória da Praxis por 69 votos contra 46 nulos e brancos, um índice alto devido ao movimento de deslegitimação daquela eleição.

Deu-se início então à gestão Praxis, que teve como um dos principais marcos a mudança da sede do CACE no Território Livre José Carlos da Mata Machado, de onde era o CRT dos alunos do Direito, para o espaço onde se encontrava o Banco do Brasil, vazio à época. Foi extremamente simbólico adquirir esse espaço, até por vencer disputa com outras entidades da faculdade que também o queriam, mas principalmente pelo seu caráter transparente: as paredes de vidro trouxeram uma maior visibilidade para o CACE e o aumento do espaço possibilitou trazer pra dentro da entidade não só os alunos de Ciências do Estado, como também professores e servidores da Faculdade de Direito e Ciências do Estado, além do público externo à universidade, que passou a utilizar o CACE como ponto de referência. Um dos eventos que foram criados a partir de reuniões feitas na nova sede do CACE foi o “Congresso Internacional de Justiça de Transição” nos 25 anos da Constituição de 1988.

A gestão Praxis, assim como a gestão anterior, optou pela construção de uma gestão cada vez mais horizontal, que diminuísse o personalismo e não permitisse que a gestão fosse de aluno X ou Y. Com a supressão dos cargos de Presidente e Vice-Presidente, a Praxis se organizou com 3 coordenadores hierarquicamente iguais que se empenhavam para organizar a gestão. Outro ponto importante era a autonomia dos membros da gestão de circularem nas atividades de outros departamentos, diminuindo o engessamento da entidade e possibilitando que os alunos pudessem se envolver nas atividades de seu interesse.

O ano de 2013 foi muito ativo na vida do Centro Acadêmico de Ciências do Estado, dentro do contexto de amadurecimento do curso e reconhecimento da identidade própria. A gestão Praxis logo no início precisou administrar um acontecimento que levou o nome da Faculdade de Direito e Ciências do Estado ao contexto nacional, tal fato foi o “trote midiático” que ocorreu no Território Livre<sup>5</sup>, onde manifestações racistas e fascis-

<sup>5</sup> Para mais informações sobre o referido trote: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noti->

tas dos veteranos do curso de Direito se espalharam por todo o Brasil através de fotos, comentários e notícias. O CACE se posicionou através de uma nota de repúdio a quaisquer atos de expressão preconceituosa e que degradasse a condição humana, como também cobrou um posicionamento da direção da faculdade sobre o ocorrido. Esse ano também ficou marcado por grandes manifestações da sociedade civil organizada, com foco maior nas Manifestações de Junho de 2013 contra a Copa das Confederações, mobilizações que reuniram milhares de brasileiros por todo o país. Em Belo Horizonte o CACE acolheu a luta das ruas e não deixou de se fazer presente.

Outros pontos marcantes da gestão Praxis foram à realização da primeira calourada unificada entre os cursos de Gestão Pública da UFMG e Administração Pública da Fundação João Pinheiro, intitulada "Estado de Calamidade Pública". Além da transformação dos Butecaces em grandes festas realizadas na Casa Azul, sede do DCE da UFMG no centro de Belo Horizonte, o que expandiu ainda mais o nome do curso e suas histórias. Na Praxis houve também a construção do ENEAP (Encontro Nacional de Estudantes do Campo Públicas) Minas Gerais, e pela primeira vez os alunos de Ciências do Estado viriam a participar desse evento. Por fim, apesar das eleições conturbadas e da deslegitimação por parte de alguns alunos, a Praxis sobreviveu e colocou na prática o seu conceito.

## 2.4 Gestão Construção Coletiva

### 2.4.1 Composição

Presidente: Jonas Rajão;

Vice-presidente: Lucas Parreira Álvares;

Secretaria: Primeiro Secretário: Caio Guimarães; Segundo Secretário: Lorenzo

[cia/2013/03/ufmg-apura-trote-polemico-em-calouros-do-curso-de-direito.html](http://cia/2013/03/ufmg-apura-trote-polemico-em-calouros-do-curso-de-direito.html)

Campos;

Tesouraria: Primeira Tesoureira: Amanda Karez; Segundo Tesoureiro: Vinícius Brandão;

Departamento de Integração Social: Thales Monteiro; Dandara Santos;

Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão: Ariana Oliveira; Brenda Batista;

Departamento de Comunicação: Pedro Neves; Paulo Neves; Ludmila Parreiras;

Departamento de Esporte, Cultura e Lazer: Gabriel de Souza; Juliana Almeida; Juliana Souza.

### 2.4.2 A saída pela democracia radical

O processo eleitoral para o Centro Acadêmico de Ciências do Estado no fim do ano de 2013 se tornou algo inesquecível para aqueles que dele participaram - ou até os que simplesmente ficaram sabendo. O acirramento e a emoção do processo começaram com a construção de chapas: primeiramente, e de maneira estratégica, a chapa Construção Coletiva foi se formando às escuras, com reuniões tensas e, de alguma maneira, emocionantes. É evidente que o processo de formação da chapa não foi tão condizente quanto seu nome: a chapa não teve uma construção tão coletiva assim. Entretanto, o que mais importou foi a reivindicação do nome durante a gestão, essa definitivamente coletiva e construtiva.

A chapa só foi efetivamente descoberta no momento em que antecedeu sua inscrição, o que obviamente causou certo incômodo em alguns alunos. Dentre eles, uma integrante da junta eleitoral, que decidiu então renunciar à fiscalização das eleições e construir sua própria chapa. Nascia então a "FOCO", a chapa 2 para as eleições do CACE no ano de 2013. A campanha foi extremamente acirrada e conflituosa, com diversas acusações de ambas as partes, tendo como ápice das tensões o debate eleitoral.

Porém, a emoção estava reservada para o fim da campanha: e não poderíamos ter um desfecho melhor. A apuração dos votos foi emocionante do início ao fim, mantendo a disputa empatada até a última cédula, responsável por conceder a vitória à chapa Construção Coletiva. Desse modo, a Construção Coletiva obteve 70 votos, e a chapa FOCO somou 69. Nenhuma outra eleição havia levado tantos estudantes de Ciências do Estado às urnas, pois todos sabiam que cada voto poderia ser decisivo, como literalmente foi.

Nenhuma outra gestão que geriu o Centro Acadêmico teve tantos obstáculos no decorrer de seu mandato como a Construção Coletiva. Dentre eles: a evasão de calouros provocada pelo SISU, o que ainda era uma novidade; a saída de um dos funcionários do colegiado; a licença do funcionário que restava (deixando o colegiado sem funcionamento); a renúncia do coordenador do curso; e a renúncia da então diretora da FD&CE. É evidente que eventos como esses comprometem o planejamento elaborado pela gestão, mas apesar desses fatos, a gestão Construção Coletiva é marcada por algumas características que a fazem ser lembrada.

A primeira delas diz respeito à organização interna da chapa. A gestão Praxis, que a antecedeu, inovou no sentido de ter três membros em sua coordenação, dissolvendo cada vez mais o personalismo nos espaços de poder. A gestão Construção Coletiva teve como fundamento a horizontalidade radical, e, desse modo, não fazia diferença a quantidade de membros que compusessem a coordenação, pois no momento das reuniões a horizontalidade nas circunstâncias de fala e de tomada de decisão eram premissas. Esse tipo de ruptura completa com o personalismo era uma inovação para o CACE e trouxe um espírito de coletividade que não se podia antes imaginar, seja na construção ou na responsabilização, afinal, alguns olhos externos não sabiam de fato quais eram os integrantes que compunham a diretoria do centro acadêmico. As tarefas eram divididas, bem como as culpabilizações.

Além disso, um fator fundamental para a metodologia da gestão foi a adoção do consenso como prática primordial de condução das reuniões. Os integrantes concordavam que era mais válido pecar pelo excesso de democracia a pecar pela falta da mesma. E realmente pecavam pelo excesso: reuniões chegavam a durar mais de 3h, motivadas

por uma simples tomada de decisão em questão. A falta de pragmatismo era também vista como um problema, pois assim, afastava alguns estudantes que eventualmente se interessavam em participar das reuniões. Porém, os membros da Construção Coletiva carregam em suas lembranças um fardo de que jamais se arrependerão: o fato de nunca, em ocasião alguma, terem precisado de uma votação para se tomar uma decisão.

O diálogo que a gestão Construção Coletiva abriu para com os movimentos sociais também nunca será esquecido. O espaço físico do CACE em 2014 foi palco de reuniões de organizações como "Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte", "Frente de Mulheres Latino-Americanas", "Movimento Tarifa Zero" e "Mídia Ninja". O CACE chamava as organizações para que elas pudessem usufruir tanto do seu próprio espaço físico, quanto do Território Livre da FD&CE, o que efetivamente também aconteceu, por exemplo, com reuniões de resistência de Ocupações Urbanas de Belo Horizonte. Eventos como esses fizeram do CACE uma instituição reconhecidamente em defesa das reivindicações populares e cada vez mais próxima dos movimentos sociais e da comunidade externa à faculdade.

Mas nem só os externos ao curso ocuparam o espaço físico do Centro Acadêmico de Ciências do Estado durante a gestão Construção Coletiva. A criação de um tipo de evento acadêmico, intitulado "Roda Viva", promoveu diversos debates dentro do CACE, levando os alunos em peso para o Centro Acadêmico – a aprovação de tal formato de evento se deve à manutenção do mesmo na gestão que se seguiu. Dentre outras realizações positivas da gestão, estão: a valorização da administração interna do CACE, através da produção de inventários e da condução de uma tesouraria impecável; a expansão da representação discente, cedendo vagas departamentais para alunos que se interessavam através da abertura de editais; início do processo de confecção de um novo estatuto para o Centro Acadêmico; e uma aproximação maior junto ao campo de públicas.

Dentre as principais críticas à gestão, podemos ressaltar: o já supracitado excesso de radicalização da democracia interna, fazendo com que as reuniões fossem menos atrativas àqueles que não compunham a gestão; e os problemas de comunicação entre os membros e os demais alunos, dificultando e sobrepondo a realização e



divulgação de atividades.

A gestão encerrou suas atividades entregando o CACE com um saldo monetário bem superior do que tinha recebido, uma imagem externa bem mais nítida de suas intenções, uma organização interna de alguma forma inovadora, mas também com seus vícios: a novidade é sempre algo a se acostumar. Fato é que a gestão Construção Coletiva sempre soube bem “o que fazer” para com um C.A., mas foi importante ao trazer uma nova concepção do “como fazer” para o Centro Acadêmico de Ciências do Estado. Consistiu aí o seu diferencial.

## 2.5 Gestão COR

### 2.5.1 Composição

Coordenação: Júlia Espeschit; Marina Silveira; Ricardo Borges;

Secretaria: João Lucas Ribeiro Moreira; Adriano Augusto Dias de Souza;

Tesouraria: Washington Cornélio Junior; Mateus Melo;

Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão (DEPE): Marina Campos; Laura Amâncio; Ricardo Carvalho;

Departamento de Comunicação (DCOM): Caroline Cunha Rodrigues; Daniel Bragança;

Departamento de Esporte e Lazer (DEL): Izadora Ambrósio; Maria Isabela; Isadora Gonçalves; Tabatta Moreira; Victor Parreira;

Departamento de Integração Social (DIS): Amanda Mariana; Fernanda Morato; Camila Duarte; Marcela Bezerra.

### 2.5.2 A gestão gerencialista

O processo de criação e composição da chapa 2, “COR: Coragem Organização e Representação”, pode ser resumido audaciosamente em uma expressão: planejamento estratégico. Diferentemente da eleição anterior, na qual a chapa Foco foi constituída as vésperas do pleito eleitoral, uma porção considerável dos integrantes, dessa chapa não eleita, elaboraram uma trajetória premeditada de composição, pautada na oposição consistente a gestão passada, Construção Coletiva. A COR se apresentou como um movimento tecnicista, que prezou pela eficiência e pelo cumprimento de metas estabelecidas.

A gestão COR consolidou magistralmente a posição do CACE na conjuntura da Faculdade de Direito e Ciências do Estado. A grande demanda de todos os estudantes do curso, salvo raríssimas exceções, era uma relação paritária entre o aluno de Ciências do Estado e o aluno de Direito, entre as duas graduações na “Vetusta Casa de Afonso Pena” e, conseqüentemente, uma relação horizontal entre CAAP e CACE, o que antes era consenso de que aquele se sobrepuja invariavelmente sobre esse. Isso, por meio de uma intensa articulação, especialmente da coordenação da gestão com os inúmeros órgãos da Casa: Direção, Departamentos, Docentes, Técnicos, CAAP e o alunado.

Outro ponto louvável dessa gestão foi a institucionalização do curso, por meio do CACE, em eventos e organizações que reafirmam o papel do Cientista do Estado no cenário nacional. Destacam-se a organização do primeiro Encontro Mineiro do Campo de Públicas (EM PÚBLICO) ocorrido na cidade de Lavras e a filiação do curso na Federação Nacional dos Estudantes dos Cursos do Campo de Públicas, FENEAP.

A gestão COR fomentou a criação do órgão autônomo CRT, Conselho de Representantes de Turma (CRT), que tem como fim ampliar a participação dos alunos na representação discente e fiscalizar o CACE. Ademais de ampliar a participação de Ciências do Estado nas instâncias da Universidade: Conselho de CA's e DA's, interação em grandes órgãos da UFMG, como o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE.

Duas questões icônicas dessa gestão foram: primeiro, a movimentação pelo

processo administrativo contra o coordenador do curso, devido a reuniões promovidas pelo próprio com o corpo docente e discente, houve, segundo os alunos, abuso de autoridade e agressão verbal. Todavia, o CACE foi o incapaz de efetivar essa pauta e processá-lo devidamente. Acarretou assim, num "autoafastamento" do coordenador para que os fatos fossem apurados, o que não ocorreu<sup>6</sup>; segundo, a tentativa do processo de regularização do CACE, o qual atualmente aguarda o aval do juiz responsável.

A COR protagonizou o processo de abertura de sindicância contra o caso de lesbofobia e abuso de poder, que sucedeu na FD&CE. Em função disso, o CACE recebeu muita visibilidade na grande mídia. Além disso, a COR realizou cinco "Botecaces", os quais a rentabilidade foi reduzida com o passar dos meses, entretanto esses eventos ampliaram a visibilidade do curso junto à sociedade como um todo. O legado dessa gestão, que irá se perpetuar, visto as propostas da Ubuntu, é um projeto concreto de recepção dos calouros, a partir de programações específicas para eles, desde a recepção no dia da matrícula até um mês de programações exclusivas.

O grande deslize foi confundir comprometimento com um preciosismo individualista. É irrefutável a alcunha de gestão fechada, que não se abriu para os que quisessem compor os projetos no decorrer do ano. Salvo algumas exceções, não havia oportunidade para novos membros participarem das ações. Por conseguinte, esse grande equívoco na implementação de um Centro Acadêmico coerente, ativo e eficaz ocasionou essa coesão demasiada que ilhou a gestão do restante do alunado.

Metaforicamente, a gestão se assemelhou, em especial nos meses finais, a um feudo extremamente fortificado em suas muralhas, porém em seu interior os sinais da escassez de mantimentos, de recursos e de trabalhadores tornaram-se um empecilho para a subsistência do feudo, ou melhor, da gestão.

<sup>6</sup> Até o momento de redação desse artigo.

## 2.6 Gestão Ubuntu

### 2.6.1 Composição

Coordenação: Alice Castelani; Marcela Bezerra; Vinícius Brandão;

Secretaria: Luiz Cláudio Pinho; Pedro Lopes;

Tesouraria: Letycia Borges; Victor Parreira;

Departamento de Pesquisa e Extensão (DEPE): Lucas Parreira Álvares; Yasmin Mencher; Venícius Rodrigues; Suzani Martins;

Departamento de Integração Social (DIS): Alcino Augusto; Iara Boson; Luiza Porto; Mariana Santos; Tamires Santos;

Departamento de Comunicação (DCOM): Pedro Neves; Júlia Moreira; Tayná Ohana

Departamento de Cultura e Lazer (DCL): Adriano Augusto; Débora Martins.

Departamento de Esportes (DESP): Larissa Cristine; Gabriel Carneiro; Marina Mello;

Departamento de Estágio e Profissionalização (DEST): Juliana Almeida; Lucas Alves; Larissa Moreira.

### 2.6.2 "Sou o que sou pelo que nós somos"

"Ubuntu" é um termo que traduz uma filosofia africana, tendo como significado o espírito de cumplicidade, ou, em outros termos: "sou o que sou pelo que nós somos".

Esse texto foi produzido a poucos dias da vitória da Chapa Ubuntu nas eleições do CACE no ano de 2015, desse modo, não tem como dizer se a gestão será ou não compatível ao nome proposto. Entretanto, o que se pode afirmar certamente é a consonância que a formação de chapa teve junto ao seu nome.

A chapa Ubuntu teve como referência as últimas duas gestões do Centro Acadêmico, geridas pela Construção Coletiva e pela COR, muito pelo fato de que, em sua constituição, foi composta por membros egressos dessas duas gestões. A proposta era fazer uma análise crítica de ambas e conseguir diminuir e corrigir os eventuais erros atribuídos a elas. Desse modo, a principal correção atribuída à gestão Construção Coletiva foi exatamente a dificuldade de se tomar decisões. O desafio era tentar aliar uma gestão que pudesse ser tanto democrática, como também pragmática. Já a avaliação para com a gestão COR, seguia criticamente em dois aspectos principais: primeiro, em relação ao modo aplicado da chamada "autonomia departamental", que concentrava as ações de organização nas mãos da coordenação e dificultava a interação entre departamentos; e segundo, na exclusão de eventuais membros para participar da construção da chapa. Desse modo, a Ubuntu propôs uma construção extremamente aberta, aceitando que qualquer estudante, independente de qualquer aspecto, pudesse ser integrante da chapa. Assim, a Ubuntu se apresentava como uma ruptura às gestões passadas, mas, obviamente, pretendia dar continuidade às ações que considerava relevantes.

Nenhuma outra construção foi formada com tantos estudantes de Ciências do Estado. As reuniões chegavam a ter até 35 alunos, incidindo em uma chapa composta por 27 desses - sem contar que alguns alunos preferiram não se inscrever, dado a compromissos previamente marcados, como é o caso, por exemplo, de intercâmbios. Assim, além desses 27 nomes, alguns outros estudantes se colocaram como apoiadores da chapa Ubuntu, ampliando cada vez mais o alcance do Centro Acadêmico na representatividade dos alunos.

Dada a intensa mobilização para a construção da Ubuntu, tendo participação de grande quantidade de alunos do curso, não se teve a formação de outra chapa para concorrência. Desse modo, as eleições de 2015 do CACE se seguiu com chapa única, extremamente desmobilizada, com um índice relativamente baixo de votos - 48 para a Ubuntu e

23 nulos e brancos. A campanha não foi intensa, e a sabatina foi esvaziada. Os próprios integrantes da Ubuntu estavam também decepcionados com o processo eleitoral, pois esperavam que tivesse mais de uma chapa na disputa, o que infelizmente não ocorreu. Mas apesar da fraca eleição, a então chapa Ubuntu foi eleita e se transformou em gestão Ubuntu.

A gestão Ubuntu se propõe ser inovadora desde sua composição através da ampliação da quantidade de departamentos do Centro Acadêmico de Ciências do Estado. O DIS (Departamento de Integração Social) era conhecido por ter principalmente duas funções: a primeira de estabelecer relações do CACE junto às outras instâncias do Movimento Estudantil, como conselhos de CA's e DA's da UFMG, UNE (União Nacional dos Estudantes), UEE (União Estadual dos Estudantes), e FENEAP (Federação Nacional dos Estudantes de Áreas Públicas); segundo, promovendo a relação do curso de Ciências do Estado junto às demandas e anseios externos, como a regularização e a profissionalização do curso. Assim, o DIS se manteve como o departamento responsável por essa primeira função, mas a segunda foi transferida por um novo departamento, o DEST (Departamento de Estágio e Profissionalização). O DEST almeja dar ênfase numa pauta antiga e muito cara ao curso de Ciências do Estado, que é a profissionalização do curso. Além disso, pretende construir uma rede de estágios, fazendo com que se promova parceria do curso com possíveis instituições. Entretanto, a FENEAP será uma pauta que congregará ambos departamentos, pois além de ser uma instância de representação estudantil, pode ser uma das principais forças para a profissionalização do curso.

A divisão do DEL (Departamento de Esporte e Lazer) também foi uma das propostas dessa nova configuração da composição da Ubuntu. Dado o sucesso da primeira Copa CACE, promovida em 2015 pela gestão COR, a chapa se propõe, em sua administração, colocar o Esporte em evidência. Nasce assim o DESP, que é o Departamento de Esportes, tendo como objetivo a realização de atividades esportivas que promovam maior interação com o curso, seja na ampliação das modalidades da Copa CACE, ou até mesmo na facilitação de envolvimento dos estudantes com o CEU (Centro Esportivo Universitário da UFMG). Já a cultura e o lazer ficaram por conta do DCL (Departamento de Cultura e Lazer). Esse departamento pretende-se ficar responsável pelas festas no decorrer da gestão (Butecaces e Calouradas) bem como na promoção de atividades cul-

turais, como Sarais, Virada Cultural e exposições.

Num geral, as propostas da Ubuntu são ambiciosas. Mas esse é o exato momento para que a ambição de algo maior seja almejado para o curso de Ciências do Estado. A gestão compreende o curso como consolidado e aposta em outras formas de dar ressonância e aprimoramento para a formação dos alunos. Com a participação massiva de calouros, a gestão Ubuntu também possui como objetivo a formação de novos membros para se gerir o CACE num futuro próximo, já que as antigas figuras públicas de Ciências do Estado já estão se formando.

A cumplicidade e a união tem, finalmente, sua vez com a Ubuntu no Centro Acadêmico de Ciências do Estado.

### 3 CONSIDERAÇÃO NEM UM POUCO FINAIS

Uma abordagem histórica almeja essencialmente lembranças e recordações. Entretanto pode também ser permeada pelo esquecimento. De antemão, pedimos desculpas aos relevantes fatos que foram esquecidos por esse simples mural de recordações da história do Centro Acadêmico de Ciências do Estado.

O CACE se mostrou mais do que um mero C.A. - o que por si só, já não é pouca coisa. Nesse caso, esse Centro Acadêmico é uma espécie de pulmão para o curso de Ciências do Estado. Enfrentamos diversos tipos de obstáculos, crises, ameaças e principalmente boatos: "ouvi dizer que o curso de Ciências do Estado vai acabar, é verdade?". Obviamente que nos tempos atuais isso é uma mentira, mas se fosse verdade, tal como foi em 2012, seria apenas uma suposição temporária.

Nosso Centro Acadêmico não tem perfil partidário, mas certamente possui um perfil ideológico: a resistência. O CACE hoje é o primeiro contato de muitos alunos com o movimento estudantil, e quanto a isso, possui um papel fundamental na formação política dos estudantes. O CACE é uma instituição que se difere das demais por um simples aspecto: nos órgãos públicos e privados, por exemplo, o aluno de Ciências do Estado

sempre encontra as portas fechadas - não tem problema, ele vai lá e arromba a janela. No CACE não, ali as portas estão sempre abertas - ou pelo menos de 12:00 às 18:00! A não ser às sextas, que fecham um pouco mais tarde, não é mesmo?

A proposta é de que esse se torne um texto em constante construção. Que essas lembranças possam ser um mural de recordações para os alunos do curso. A capacidade de desapegar do próprio texto é uma dádiva. Mas no fim das contas, apesar dessas palavras terem sido escritas pelos autores desse artigo, as histórias aqui presentes não são só nossas. Assim, a ordem é que "façam desse um texto coletivo!". Que a história das próximas gestões, os próximos movimentos, as próximas dificuldades e, sobretudo as próximas conquistas, sejam também contadas. É importante para o CACE, é importante para o curso e é importante para aos alunos. Afinal, se o CACE te fez rir, chorar, se emocionar ou sofrer, não importa... o importante é a capacidade que ele teve de te comover.

### 4 REFERÊNCIAS

CACE. **Gestão Superação e o curso de Ciências do Estado**: uma retrospectiva do quanto nós caminhamos. Voz Acadêmica, Belo Horizonte, p. 16 – jun. 2013.

SITE DO CACE. **Sobre o CACE**. Disponível em: <<http://caceufmg.com.br/o-cace/sobre-o-cace/>>. Acesso em: 28/11/15.

\_\_\_\_\_. **Regimento Interno do Centro Acadêmico de Ciências do Estado**. Disponível em: <<http://caceufmg.com.br/o-cace/regimento-interno/>>. Acesso em: 01/12/2015.

SHIMOMURA, Thelma Yanagisawa. **Movimento Estudantil - A história do recente Centro Acadêmico de Ciências do Estado (CACE)**. Voz Acadêmica, Belo Horizonte, p. 11 - 11, 01 ago. 2013.